



TRÊS MOMENTOS DA HISTÓRIA DA ACENTUAÇÃO PORTUGUESA

Gladis Massini-Cagliari (UNESP - Araraquara)¹
gladis@fclar.unesp.br

RESUMO: Este artigo examina o posicionamento do acento lexical em três momentos da diacronia do português: na sua origem latina, na época medieval (o chamado Português Arcaico, ou galego-português), e na contemporaneidade do Português Brasileiro, em comparação com o Português Europeu. A partir de duas análises, a primeira embasada em teorias fonológicas não lineares e a outra, na Teoria da Otim(al)idade, este artigo mostra que a mudança rítmica pela qual passou o português no seu percurso diacrônico do latim até os dias de hoje não se embasa no posicionamento do acento lexical, que ainda encontra-se muito próximo do que foi, nos primórdios da fase latina da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Acento; Português Arcaico; Português Brasileiro; Português Europeu; Latim.

ABSTRACT: This article examines the lexical stress positioning in three moments of Portuguese diachrony: in its Latin origin, in medieval times (the so called Archaic Portuguese, of Galician-Portuguese), and in contemporary times, comparing Brazilian and European Portuguese. Two analysis are presented: the first one, based on non-linear Phonology theories, and the second one, based on Optimality Theory. The article shows that the rhythmic chance that affected Portuguese in its diachronic trajectory from Latin to contemporary days is not based in lexical stress positioning, which is still very close to what happened in the original Latin phase of the language.

KEYWORDS: Accent; Ancient Portuguese; Brazilian Portuguese; European Portuguese; Latin.

0. Palavras iniciais

Fui aluna de Fernando Tarallo quando era ainda mestranda, escrevendo uma dissertação na área de Fonética Acústica, sobre o acento lexical do Português Brasileiro. Apesar do enfoque sincrônico dado à dissertação em andamento na ocasião, a história da língua havia sempre sido minha paixão, que fora irremediavelmente incendiada pelas aulas do Prof. Tarallo, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp. Infelizmente, não sabíamos ainda, mas naquele momento estávamos presenciando as últimas disciplinas que ele iria oferecer. Embora eu tenha tido o privilégio de assistir a

¹ CNPq (processo 302222/2009-0).



todos os seus últimos cursos, com a colaboração em alguns da Profa. Mary Kato, não tive a oportunidade de trabalhar com ele como pesquisadora. Apesar disso, Fernando Tarallo teve uma influência profunda nas escolhas de temas de pesquisa que tenho feito, ao longo de já quase 25 anos de pesquisa em Fonologia Histórica. Não sabia o professor e nem eu, naquela ocasião apenas uma mestranda, que, de um trabalho final para uma de suas disciplinas, nasceria uma linha de pesquisa para toda uma vida acadêmica, desenvolvida por um grupo que, atualmente, já formou dez doutores, 16 mestres e 30 alunos em nível de Iniciação Científica.² É por este motivo que esta homenagem revisita o tema cujas reflexões inicialmente foram motivadas pelas suas aulas.

1. Introdução³

Quanto à localização do acento nas palavras, sabe-se, desde muito tempo atrás, que o latim clássico seguia uma regra que se pauta na duração (peso) da penúltima sílaba: sendo esta longa (pesada), retém o acento; sendo breve (leve), o acento se desloca para a antepenúltima sílaba da palavra - Meillet (1933, p. 129); Lindsay (1937, p. 25); Williams (1975, p. 15-16); Grandgent (1940, p. 11); Devoto (1944, p. 109), Niederman (1953, p. 13-14), Faria (1970, p. 134-135); Allen (1973, p. 155 e 177-178). Deste modo, o latim clássico possuía somente vocábulos paroxítonos e proparoxítonos (com exceção dos monossílabos que, pela sua própria natureza, obviamente não podiam seguir esse padrão).

Em se considerando a localização do acento em latim vulgar, as modificações observadas em relação ao latim clássico se restringem a poucas palavras (em que a alteração na posição do acento se deve a mudanças anteriores na forma de base da palavra no léxico - envolvendo, por exemplo, a perda da ‘consciência da composição’, segundo Williams, 1975, p. 16, e o deslocamento do acento da antepenúltima para a penúltima sílaba, quando a vogal da antepenúltima for seguida de consoante oclusiva

² Trata-se do Grupo “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”, com sede na UNESP, Campus de Araraquara.

³ Este texto, em uma versão anterior e muito reduzida, foi apresentado como uma conferência plenária no Congresso Internacional 500 Anos de Língua Portuguesa no Brasil, realizado na Universidade de Évora, de 08 a 13 de maio de 2000. Embora tenha sido submetido à publicação nos Anais do evento, em uma



mais R ou quando for *i/e* breve e formar um hiato com a vogal que a sucede).⁴ No entanto, o padrão geral das palavras quanto à pauta acentual se mantém: a predominância de paroxítonos e proparoxítonos é marcante.

Por outro lado, uma mudança radical nesse quadro já pode ser observada desde os primeiros textos escritos em galego-português: a existência de apenas oxítonos e paroxítonos (os proparoxítonos, raríssimos, encontrados geralmente em textos em prosa, restringiam-se principalmente a empréstimos e termos técnicos). A este respeito, Nunes (1973, vol. I, p. 361) afirma:

Como ainda hoje se nota, em geral, na língua popular, a dos antigos trovadores apenas conhecia palavras agudas e graves; quando por ventura a uma consoante se seguia um *i* átono e outra vogal, os três fonemas contavam-se por uma sílaba única; é o que nos ensina a métrica a respeito, por exemplo, de *servio, sabiades*, etc., em que o acento recaía na penúltima.

Ora, a partir dessas constatações, pode ser levantada uma interessante questão: deve ter ocorrido uma importante de origem rítmica, na passagem do latim clássico ao Português Arcaico (de agora em diante, PA) e, deste, ao atual, que afetou a regra de atribuição de acento às palavras, gerando ora só paroxítonas e proparoxítonas, depois só oxítonas e paroxítonas e, posteriormente, os três tipos.

Um indício de mudança do ritmo, na passagem do latim ao português atual, é a alteração na maneira de os falantes dessas línguas produzirem e perceberem o ritmo poético, ou seja, na maneira como os falantes dessas duas línguas aproveitam o ritmo lingüístico para produzir poesia: em latim, metrificava-se a partir da contagem da duração das sílabas e da repetição de metros com uma duração específica, sem a presença da rima; já em português, a sensação de poesia metrificada é dada pela contagem de sílabas e acentos e pela ocorrência de rima.⁵

versão ainda mais reduzida, ainda continua inédito.

⁴ São poucos os casos em que houve alteração na posição da sílaba acentuada no latim vulgar, se comparado ao clássico. Para um resumo desses casos, veja-se Massini-Cagliari (1999, p. 109-111).

⁵ A respeito das relações entre ritmo lingüístico e ritmo poético, vejam-se Abercrombie (1967), Allen (1973), Verluyten (1982), Cagliari (1984), Massini-Cagliari & Cagliari (1998), Massini-Cagliari (1999) e os artigos que compõem o livro sobre o assunto organizado por Kiparsky & Youmans (1989).



Por outro lado, um outro indício de que o português, no caminho de sua evolução desde o latim clássico, passou por mudanças rítmicas é o fato de, com base na dicotomia ritmo silábico/ritmo acentual⁶, o latim estar em um dos extremos (ritmo silábico), ao passo que o português (europeu e brasileiro), no outro (acentual).⁷ Embora a divisão tipológica das línguas com base nessa dicotomia esteja um pouco em desuso, o fato de latim e português estarem classificados como opostos quanto ao ritmo é bastante relevante, porque revela um uso diferenciado por cada uma dessas línguas dos acentos e da duração, na constituição do ritmo.

Também a utilização diversa da quantidade e da qualidade vocálicas evidencia uma enorme diferença entre os dois extremos temporais. A duração silábica desempenhava um papel crucial no sistema rítmico do latim clássico, assumindo não somente uma função distintiva no nível lexical, diferenciando palavras pela oposição vogais longas/vogais breves, como também assumindo, na dimensão rítmica, o papel de localizador do acento, no domínio da palavra fonológica.

Quanto às modificações relativas à qualidade vocálica, são bem conhecidas as alterações observadas no sistema latino, após a perda das distinções quantitativas - o que acabou gerando uma distinção em termos de quatro graus de abertura, que, combinados com os parâmetros relativos ao deslocamento horizontal da língua, formam um sistema de sete vogais distintas em posição tônica - que opera com uma distinção de altura nas vogais médias, opondo médias-altas a médias-baixas (estas últimas, apenas presentes em sílabas tônicas).

Dentro das abordagens fonológicas derivacionais do ritmo desenvolvidas a partir de meados da década de 70, as chamadas teorias não-lineares (especialmente, o modelo métrico - proposto inicialmente por Liberman, 1975 e Liberman & Prince, 1977, e muitas vezes reformulado, até chegar à abordagem paramétrica de Halle & Vergnaud, 1987 e Hayes, 1995), o acento das línguas é visto como regulado pelo ritmo, ou seja,

⁶ A maneira mais comum de se definir esses dois tipos de ritmo é através da noção de isocronia: de acentos (ritmo acentual) ou de sílabas (silábico) - Pike (1947, p. 250-252), Abercrombie (1967, p. 97), Dauer (1983) e Cagliari (1982, 2007).

⁷ Classificam o Português do Brasil como sendo uma língua de ritmo acentual os seguintes autores: Cagliari (1981, 1984, 1985) e Moraes & Leite (1992). No entanto, ao empreenderem estudos acústicos, Cagliari & Abaurre (1985) e Massini-Cagliari (1992), não encontram a esperada isocronia entre os pés.

como o resultado fonético do jogo de proeminências entre os constituintes métricos (sílabas, pés, etc.). Nesse modelo, em todas as línguas do mundo, a sensação de acento seria gerada pelo jogo rítmico, mesmo nas línguas outrora classificadas como de ritmo silábico (o caso do latim). Partindo desse pressuposto, se o acento é a principal manifestação do ritmo, toda mudança rítmica deveria ser expressa por uma mudança nos padrões acentuais. No entanto, como mostraremos a seguir, quanto à localização do acento lexical, apesar de todos os indícios de mudança rítmica listados anteriormente, estamos ainda muito próximos da nossa “língua-mãe”. E também estão muito próximas entre si as variedades européia e portuguesa; o que as difere, como será visto adiante, não é a localização do acento principal, mas outros fatores de ordem rítmica.

2. Acento lexical em português: percurso histórico

Em Massini-Cagliari (1999), empreendemos uma análise do acento em três momentos do contínuo temporal que levou à formação do português do Brasil (doravante, PB), latim, PA e PB, com base na teoria métrica paramétrica (derivacional) de Hayes (1995). Ao final da análise, um fato surpreendeu: o conjunto dos valores dos parâmetros do acento desses três períodos do português *não* se diferencia, como pode ser observado no confronto que se fez, abaixo, das escolhas paramétricas da língua quanto ao ritmo, nos três momentos históricos considerados.

(1)	LATIM	PA	PB
pé básico	troqueu moraicó	troqueu moraicó	troqueu moraicó
1. Quantidade de sílabas por pé	binário	binário	binário
2. Dominância	esquerda	esquerda	esquerda
3. Sensibilidade à Quantidade das sílabas	sim	sim	sim
4. Direcionalidade	da direita para a esquerda	da direita para a esquerda	da direita para a esquerda
5. Iteratividade	não-iterativo	não-iterativo	não-iterativo

Além disso, também não se alteram as restrições quanto à construção de pés degenerados (em todos os três períodos considerados, aplica-se uma *proibição fraca*) e a atribuição de moras aos elementos da sílaba (são moraicos os elementos da *rima* como um todo, inclusive os da *coda*), quando da consideração da quantidade silábica, no momento da construção dos troqueus moraicos.

As escolhas paramétricas explicitadas em (1) dão conta da grande maioria das palavras (padrões não excepcionais) da língua nesses três momentos: paroxítonas e proparoxítonas, em latim (2a); oxítonas e paroxítonas, em PA (2b) e PB (2c).⁸

(2)

- a.
- | | | | |
|----------------|-----------------|----------------|--|
| (x) | (x) | (x) | |
| for ti tū <do> | ve he men <tur> | i ni mī <cus> | |
| ˘ ˘ | ˘ ˘ | ˘ ˘ | |
| (x .) | (x .) | (x .) | |
| fa cī <lis> | le gi <tur> | sub si di <um> | |
| ˘ ˘ | ˘ ˘ | ˘ ˘ | |
- b.
- | | | | |
|---------|------------|------------|---------|
| (x .) | (x .) | (x .) | (x .) |
| lu me | coy ta do | so y da de | do o |
| ˘ ˘ | ˘ ˘ | ˘ ˘ ˘ | ˘ ˘ |
| (x) | (x) | (x) | (x) |
| pra zer | por tu gal | co ra çon | san deu |
| ˘ ˘ | ˘ ˘ | ˘ ˘ | ˘ ˘ |
- c.
- | | | |
|-----------|-------------|-----------|
| (x .) | (x .) | (x) |
| ba ta ta | de te ti ve | ar ma zém |
| ˘ ˘ ˘ | ˘ ˘ ˘ ˘ | ˘ ˘ |
| (x) | (x) | (x) |
| co ro nel | por tu guês | po mar |
| ˘ ˘ | ˘ ˘ | ˘ |
| (x) | (x) | (x) |
| cha péu | ir mão | paí |
| ˘ | ˘ | ˘ |

⁸ Os símbolos ˘ e - representam, respectivamente, sílaba leve e sílaba pesada (conceitos que diferem dos tradicionais vogal breve e vogal longa). Por sua vez, os símbolos 'x' e '.' Referem-se, respectivamente, à sílaba proeminente e à sílaba átona do pé rítmico. Os parênteses indicam os limites dos pés.



No entanto, em Massini-Cagliari (1999), uma diferença importante pode ser observada quanto à estipulação da extrametricidade, na passagem do latim ao PA, em relação ao constituinte a ser marcado como invisível à regra de acento: em latim, todas as sílabas finais de palavras eram consideradas extramétricas; já em PA e PB apenas segmentos podem ser assim marcados – e, mesmo assim, sujeitos a um condicionamento morfológico: apenas em verbos.

Porém, as modificações observadas na estipulação da extrametricidade - mais precisamente, quanto ao constituinte considerado extramétrico - não são as únicas responsáveis pelo diferente comportamento da acentuação do PB em relação à do latim - e também à do PA. Na verdade, tais modificações são reflexo (e, portanto, consequência) de uma mudança maior, envolvendo não a parametrização do ritmo em si, mas o momento de aplicação da regra de acento estabelecida pelas escolhas paramétricas efetuadas pela língua.

No latim, a regra de extrametricidade é, de fato, bastante simples: é extramétrica a última sílaba de cada palavra. Tal regra se aplica em todos os casos, sem exceções e independentemente da estrutura morfológica das palavras. Desta forma, uma sílaba extramétrica tanto pode fazer parte do radical (*igi<tur>*), como pode ser constituída da última consoante do radical seguida da desinência nominal (*ro<sã>*), como ainda pode corresponder a uma desinência ou parte dela - verbal (*abē<mus>*) ou nominal (*omnī<bus>*). Tais exemplos atestam a falta de condicionamento morfológico para a extrametricidade - o que é esperado em relação a uma língua em que a acentuação é aplicada pós-lexicalmente.

Um fato interessante em relação ao latim (inclusive ao chamado latim clássico), que deve ser ressaltado, é que, também pós-lexicalmente, mas posteriormente à aplicação da acentuação, são aplicados processos de redução (bastante atuantes, como mostram os registros de gramáticos da época)⁹, que transformam proparoxítonas em paroxítonas (através da supressão de uma das duas sílabas ou vogais átonas finais - em

⁹ A este respeito, veja-se Silva Neto (1946), sobre o Appendix Probi.

geral, a vogal da penúltima sílaba) e paroxítonas em oxítonas (através da supressão da vogal átona final). Exemplos:

- (3) calido → caldo
 auricula → oricla
 amare → amar

É claro que a atuação desses processos, embora não modifique a gramática (no sentido em que não altera qualquer parâmetro rítmico), transforma a experiência desencadeadora para as gerações posteriores, uma vez que a manifestação superficial dos dados acima é passível de duas interpretações, explicitadas em (4):

- (4) a. extrametricidade da última sílaba:
 (x .) (x)
 ka li <do> a mã <re>
 ~ ~ ~ ~ ~
 b. nenhuma sílaba extramétrica:
 (x) (x)
 kal do a mar
 - ~ ~ ~ ~

Essa dupla interpretação da estrutura métrica dessas palavras resulta, por sua vez, da dupla interpretação possível da sua forma de base:

(5)

a. [kalid] [o]	b. [kald] [o]	forma de base
kalido	kaldo	afixação
<do>	não se aplica	extrametricidade
(x .)	(x)	construção dos pés
kaldo	não se aplica	queda da 1ª vogal pós-tônica nas proparoxítonas
kaldo	kaldo	<i>output</i>

Sendo assim, pode-se dizer que é a alteração da forma de base dessas palavras o fator desencadeador da mudança observada na sua estrutura métrica. E, como a



modificação da forma de base não altera a estrutura superficial, é possível dizer que, na passagem de uma (5a) a outra (5b), do latim ao PA, houve uma reanálise, no sentido langackeriano do termo - Langacker (1977, p. 58).

Está justamente na reanálise das formas de base das palavras que sofrem esse tipo de processos de redução a origem da mudança lingüística que faz com que o PA, posteriormente, não considere qualquer constituinte extramétrico, em relação aos nomes. A interpretação em (5a) corresponde às escolhas paramétricas do ritmo latino, cujo conjunto de parâmetros pode ser chamado de “gramática antiga”. Já a interpretação em (5b) pode ser considerada inovadora, pois dá origem a uma nova escolha paramétrica em relação ao ritmo (a de que a extrametricidade não se aplica aos nomes) - a uma nova gramática, a do PA.

Há, no PA, uma grande diferenciação em relação à atuação da extrametricidade em não-verbos e em verbos - o que prova uma forte atuação do condicionamento morfológico. De uma maneira geral, pode-se dizer que a extrametricidade não se aplica aos nomes e outros itens lexicais de estrutura similar (não verbos). Já em relação aos verbos do PA, o condicionamento morfológico na extrametricidade é bem claro: são extramétricos os segmentos de final de palavra que ocupem a posição da coda dentro da sílaba, com *status* de flexão (ou seja, {N, S}).

Pode ser também observada, na passagem do latim ao PA, uma mudança no domínio de aplicação da regra de acento. Em latim, de acordo com Nespor & Vogel (1986), o domínio de aplicação do acento é o *grupo clítico*, já que regras (como a que altera a posição do acento da palavra quando a ela é adjungido um elemento enclítico – *arma* → *armáque*) fazem referência a domínios maiores do que a palavra. Já em PA, não existem razões para supor que o domínio do acento seja maior do que a palavra (em outros termos, uma regra de aplicação pós-lexical). Entre os argumentos que servem de apoio à consideração da *palavra* como domínio da acentuação em PA, destaca-se o fato de a colocação de clíticos à direita das palavras não alterar a posição do acento, como mostram os exemplos em (6):¹⁰

¹⁰ Neste exemplo, entre parênteses, é apresentada a ortografia do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (CBN) para a sequência de palavras em questão e, entre colchetes, o número da cantiga em que aparece nesse cancioneiro, aqui tomado na edição fac-similada de 1982.

(6)

veér-me	(ueerme)	[CBN 555]
óuve-m'el	(ouuemel)	[CBN 557]
díz-mi	(Dix mi)	[CBN 558]
doí-me d'el	(Doi me del)	[CBN 562]
féze-o	(Fezeo)	[CBN 563]
fazé-lo	(fazelo)	[CBN 564]

Desta forma, enquanto, em latim, o acento pode ser considerado um fenômeno *pós-lexical*, em PA, não restam dúvidas quanto à sua aplicação *lexical*.

A confirmação de que a regra de acento, em português, percorreu esse caminho, do módulo pós-lexical ao lexical, vem do comportamento da atribuição do acento no PB atual. De acordo com a proposta de Massini-Cagliari (1999), em PB, o acento é atribuído em estratos diferentes do léxico às palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em sílabas travadas, por um lado, e às que seguem o padrão *default* de acentuação, por outro. Para dar conta do grande número de exceções à regra padrão de atribuição de acento em PB, é preciso postular a existência de pés datílicos e espondaicos (ternários) excepcionais (exemplo em (7)), atribuídos em um nível mais profundo do léxico (ou seja, no primeiro estrato lexical).¹¹

(7)

abóbora	revólver	
[abɔbɔɾ][a]	[hevɔLveR]	forma de base
		1º estrato:
abɔbɔɾa		afixação de marca de classe
(x . .)	(x . .)	formação dos pés datílicos e espondaicos
σ σ σ	- -	
		2º estrato:
não se aplica	não se aplica	regra de acento
abóbora	hevóɔveR	<i>output</i>

¹¹ O símbolo σ representa uma sílaba, sem referência ao seu peso silábico.



Portanto, por causa do número muito maior de exceções que a regra de acento adquiriu no PB, pode-se dizer que a atribuição do acento atinge um nível mais profundo do léxico do que ocorria em PA, porque, quanto maior o número de exceções, mais profunda no léxico é a aplicação de uma regra - Zec (1993).

Se, por outro lado, tomarmos o percurso histórico da acentuação portuguesa de um ponto de vista não derivacional, como a abordagem proposta mais recentemente pela Teoria da Otim(al)idade¹² (de agora em diante, TO), a causa da mudança apontada quanto à localização dos acentos nas palavras é outra. Apesar de Kager (1999, p. 142) reconhecer que o formalismo da TO é, em grande parte, baseado nas teorias derivacionais anteriores (“*Our representational basis is metrical phonology.*”¹³), há um deslocamento de enfoque quanto ao acento, quando se concebe a Fonologia como representacional. No modelo da TO (que se pretende uma teoria geral da Gramática e não apenas da Fonologia), a Gramática é vista como sendo constituída por um conjunto de restrições (*constraints*) violáveis e hierarquizadas. Desta forma, as regras e as derivações são eliminadas do aparato formal da Fonologia, considerando-se que, no componente fonológico, há apenas restrições, que, mesmo quando violadas, apontam para as “formas ótimas”, dentro das possibilidades da língua, ou para formas agramaticais, no caso de violações fatais.¹⁴

Segundo Kager (1999, p. 142-143), a extensa pesquisa de Hayes (1995) sobre a tipologia das línguas quanto ao acento primário tem mostrado que os padrões acentuais são um domínio de forças potencialmente conflitantes, entre as quais o ritmo (pressão

¹² Optei pelo rótulo “Otim(al)idade”, que dá conta tanto do derivado mais “vernáculo” otimidade, de ótimo, quanto do mais próximo do original inglês, otimalidade (cf. Abaurre & Galves, 1998; Cagliari, 2002). Devo a sugestão da notação de opcionalidade do sufixo –al a Maria Bernadete Marques Abaurre, que o utilizou pela primeira vez, a quem agradeço. Abaurre & Galves (1998, p. 388 - nota 7) argumentam a favor do uso de “otimalidade”. Silva (1999) usa o rótulo “otimização”, que não julgo o mais adequado por tratar-se de uma tradução de *optimisation* (que também existe, em inglês) e não de *optimality* (a utilização de *optimality*, e não de *optimisation*, pelos formuladores da teoria - Prince & Somlensky, 1993 -, tem a função de marcar a especialização do termo, dentro da teoria proposta). Por sua vez, autores portugueses utilizam o rótulo *otimidade* (cf. Andrade & Rodrigues, 1999). Entendo que o termo ainda carece de uma uniformização dentro da área, no Brasil, sendo bons ambos os candidatos à tradução de *Optimality Theory* (Teoria da “Otimidade” ou da “Otimalidade”).

¹³ “Nossa base representacional é a fonologia métrica.” [Todas as traduções que aparecem neste artigo são de nossa autoria.]

¹⁴ Para uma introdução aos fundamentos básicos da teoria, vejam-se Archangeli & Langendoen (1997), Roca (1997) e Kager (1999).

em direção à distribuição regular de sílabas fortes e fracas), a sensibilidade ao peso silábico (pressão no sentido de combinar sílabas pesadas com proeminências rítmicas) e a marcação de fronteira (pressão na direção de marcar as fronteiras de domínios morfológicos por sílabas fortes). Para dar conta de expressar as interações entre essas forças conflitantes, a TO estabelece hierarquias entre as restrições ligadas a cada uma delas, estabelecendo interações entre os níveis prosódicos.

Dentro do quadro teórico da TO, Roca (1998) analisa a atribuição de acento primário em latim como sendo regulada pela hierarquia de restrições estabelecida em (8).

(8) FTBIN, FT-TYPE_{TROCH}, PARSE-MORA, RH-HARM, LW=PW >> NON-FIN >>
ALFTRIGHT >> PARSE-SYL >> WSP

- FOOT BINARITY: feet are binary at the syllabic or moraic level;¹⁵
- FOOT TYPE: trochaic OR iambic;¹⁶
- PARSE MORA: lexical moras must be parsed;¹⁷
- RHYTHM HARMONY: length is favoured at the end of constituents;¹⁸
- LEXICAL WORD = PROSODIC WORD: lexical words must be prosodically realised;¹⁹
- NON-FINALITY: the head foot of the prosodic word must not be final;²⁰
- ALIGN FEET RIGHT: the right edge of every foot coincides with the right edge of the prosodic word;²¹
- PARSE SYLLABLE: syllables must be parsed;²²
- WEIGHT-TO-STRESS PRINCIPLE: heavy syllables must be prominent.²³

¹⁵ “BINARIDADE DO PÉ: pés são binários no nível silábico ou moraico.”

¹⁶ “TIPO DO PÉ: trocaico OU iâmbico”.

¹⁷ “SEGMENTE AS MORAS: moras lexicais devem ser segmentadas.”

¹⁸ “HARMONIA RÍTMICA: a duração é favorecida no final de constituintes.”

¹⁹ “PALAVRA LEXICAL = PALAVRAPROSÓDICA: palavras lexicais devem ser realizadas prosodicamente.”

²⁰ “NÃO-FINALIDADE: a cabeça do pé da palavra prosódica não deve ser final.”

²¹ “LINHE OS PÉS À DIREITA: a margem direita de cada pé coincide com a margem direita da palavra prosódica.”

A ação do *ranking* estabelecido em (8) é exemplificada no tableau em (9), em que a interação e hierarquização entre as restrições determinam o padrão correto de acento, para cada um dos exemplos.

(9)

/agricola/	FT-BIN FT-TYPE _{TROCH} PARSE-MORA LW=PW RH-HARM	NON-FIN	ALFTRIGHT	PARSE-SYL	WSP
☞ a(grico)la			*	**	
(agri)(cola)		*!	*		
a(grico)(la)	FT-BIN!	*	*	*	
/refe:cit/	FT-BIN FT-TYPE _{TROCH} PARSE-MORA LW=PW RH-HARM	NON-FIN	ALFTRIGHT	PARSE-SYL	WSP
☞ re(fe:)cit			*	**	*
(refe)cit	PARSE-MORA!		*	*	*
(refe:)cit	RH-HARM!		*	*	**

Dentro do arcabouço da TO, as mudanças lingüísticas devem ser vistas como resultado de um rearranjo na hierarquia das restrições. É desta forma, pois, que devemos tentar entender, deste ponto de vista, as alterações verificadas na atribuição do acento do latim ao PA e, deste, ao PB.

Como já foi visto anteriormente, não aparecem, no padrão acentual do PA, palavras proparoxítonas (somente paroxítonas e oxítonas). Isto quer dizer que, para o português da época dos trovadores, não faz sentido propor a atuação de uma restrição do tipo NON-FINALITY, já que a proeminência principal da palavra pode recair sobre a última sílaba. Dentro do formalismo da TO, isto significa “rebaixar” esta restrição para a última posição da hierarquia descrita em (8).

²² “SEGMENTE AS SÍLABAS: sílabas devem ser segmentadas.”

²³ “PRINCÍPIO DO PESO PARA O ACENTO: sílabas pesadas devem ser proeminentes.”

Por outro lado, no português atual, como foram reintroduzidas as proparoxítonas (o que ocorreu principalmente a partir dos séculos XV-XVI), há que se propor que ou FOOT BINARITY “desce” na hierarquia, uma vez que pés ternários são formados para gerar proparoxítonas e paroxítonas terminadas em sílabas pesadas, ou (a exemplo do que fez Lee, 1999) NON-FINALITY “sobe” novamente na hierarquia, sendo aplicada apenas nesses casos.²⁴

Embora mudando completamente a abordagem tanto da descrição como da motivação da mudança, a descrição do acento, tanto da perspectiva derivacional como da TO, revela um fato, há muito comprovado pelos estudos de filologia portuguesa: na maior parte das palavras portuguesas, o acento lexical continua a recair sobre a sílaba portadora de proeminência, já em latim. No entanto, isto não quer automaticamente dizer que essa sílaba acentuada ocupe nos dias de hoje a mesma posição na palavra que ocupava antigamente.²⁵ Este fenômeno é o que Coutinho (1954, p. 138) chamou de *lei da persistência da tônica*.

Neste sentido, pode-se dizer que, apesar das alterações observadas, ainda estamos, em relação ao português falado no Brasil atualmente, muito próximos da nossa “língua-mãe” (latim), no que concerne à atribuição do acento lexical. E também estamos muito próximos ao português europeu (de agora em diante, PE), uma vez que a posição do acento lexical não varia, em Portugal e no Brasil.

3. Para além do acento lexical

Onde estaria, então, a diferença rítmica tão profundamente sentida, quando se comparam latim, PE e PB? Quando se pensa na alteração dos procedimentos de metrificação em poesia, na passagem do latim ao português, revela-se que, como já

²⁴ Lee (1999) representa a restrição NON-FINALITY como Align (Word, R, < σ/μ >, R), definindo-a como “the final syllable/mora is unfooted” [“a sílaba/mora final não é segmentada em pés”].

²⁵ Quando uma palavra, do latim ao português, sofre, por exemplo, um processo de queda de vogal pós-tônica (óculo → olho), a sílaba acentuada continua sendo a mesma que recebia o acento em latim, só que, agora, ocupando nova posição na palavra (no caso do exemplo citado, a sílaba acentuada, em latim, era a antepenúltima e a palavra envolvida era proparoxítona; no português, a mesma sílaba acentuada agora é a penúltima, e a palavra tornou-se paroxítona).



mostravam os estudos filológicos, o principal fator de alteração do ritmo lingüístico é a perda das distinções de duração, embora o peso silábico ainda tenha se mantido como relevante para a atribuição do acento.

Existe uma controvérsia em relação à natureza fonética do acento latino, que persiste, até os dias de hoje. Enquanto vários autores (Havet, 1935; Devoto, 1944; Battisti, 1946; Niedermann, 1953; Maurer Jr., 1959; entre outros) acreditam que o acento era de altura, outros - como Allen (1973), Huber (1933) e Lindsay (1937) - acreditam em um acento intensivo, ao lado de ainda outros, que acreditam que o acento do latim, no nível fonético, era o resultado de uma combinação de fatores (para Silva Neto, 1977: 210, altura e intensidade; para Faria, 1970: 161, intensidade, altura e quantidade).

Embora não tenha havido, como já foi visto anteriormente, uma mudança radical na regra de atribuição do acento latino (na sua localização), na passagem do latim clássico ao vulgar e deste, ao português, todos os autores - inclusive aqueles que defendem a natureza musical do acento clássico - acreditam ser já indubitavelmente intensivo o acento em latim vulgar. Neste caso, para alguns autores, não houve transformação alguma na natureza fonética do acento latino, uma vez que ele já era intensivo. Já para os que apostavam na combinação de vários elementos fonéticos presentes na acentuação do latim, teria havido o predomínio de um correlato acústico (intensidade) sobre outro (altura). Por outro lado, uma mudança na atualização fonética do acento latino teria ocorrido, por volta do século III d.C. (período imperial), para um terceiro e mais numeroso grupo.

Há que se considerar, porém, que os mecanismos de atribuição do acento não necessariamente condicionam a sua realização fonética: como intensivo, tonal ou duracional - teoricamente, o acento pode ser atualizado por qualquer uma dessas três maneiras ou por qualquer combinação desses correlatos. Isto porque a atualização fonética do acento é um fenômeno fonético, de superfície. Neste sentido, a mudança que originou o atual padrão do PE e do PB tem origem não na localização do acento, e sim em fenômenos rítmicos de outra natureza.



Com efeito, Abaurre & Galves (1998, p. 379) acreditam que também as diferenças sentidas entre PE e PB devem-se a variações de “padrões rítmicos no domínio mais alto dos enunciados (‘utterance’)”. A partir da observação do comportamento da redução das sílabas pré-tônicas, as autoras concluem que “as diferenças encontradas entre as duas línguas (...) residem na localização dos acentos secundários” (p. 390). A conclusão a que chegam, quanto a diferença rítmica entre PE e PB, é a seguinte:

... a primazia do troqueu no ritmo do PE faz com que não haja, *do ponto de vista rítmico*, sílabas pretônicas nessa língua. (...) Sendo assim, a redução das postônicas, correlato segmental do ritmo que atinge tanto o PB quanto o PE, acaba por ter uma abrangência bem maior em PE, pois afeta também várias sílabas que, embora lexicalmente pretônicas, encontram-se ritmicamente integradas, como postônicas, a uma unidade rítmica precedente, no interior de um mesmo grupo intonacional. (Abaurre & Galves, 1998, p. 401)²⁶

4. Considerações finais

Ao final destas breves considerações sobre o percurso histórico da acentuação portuguesa, percebe-se o quanto estamos, ao mesmo tempo, próximos e distantes da nossa “língua-mãe”, o latim, quanto ao ritmo. Em termos de localização do acento lexical, a proximidade é enorme, quando nos damos conta dos fenômenos retratados pela chamada *lei da persistência da tônica*: a sílaba acentuada, no PE e no PB, ainda é, na grande maioria das vezes, a mesma que carregava o acento, em latim. Porém, nem sempre essa sílaba ocupa, atualmente, a mesma posição que ocupava antigamente (fenômeno retratado, na fonologia métrica, pela perda da regra de extrametricidade, no PA, e, na abordagem da TO, pelo rebaixamento da restrição de NON-FINALITY, na hierarquia das restrições). Também nos distanciamos do latim pelo tratamento dado à duração, suporte principal do ritmo nos primórdios da língua, e destituída de valor distintivo, atualmente.

²⁶ Optei por manter, por se tratar de citação, a ortografia das autoras, quanto às palavras “pretônica(s)” e “postônica(s)”, que considero compostas, e que grafo como “pré-tônicas” e “pós-tônicas”.



No entanto, é um desafio estabelecer em que consistem as atuais diferenças rítmicas entre PE e PB, uma vez que as duas variedades não se distinguem quanto aos fatores apontados no parágrafo anterior. Distanciamos-nos apenas, como mostram Abaurre & Galves (1998), quanto ao tratamento dado aos acentos secundários e à redução das pré-tônicas, isto é, quanto a fatores rítmicos mais “superficiais”, do ponto de vista das fonologias derivacionais não lineares?

Neste caso, o acento, como desde sempre apontaram os estudos filológicos e desde cedo mostraram os trabalhos em fonologia, como contexto de força, resiste mais fortemente a mudanças, sendo sua localização o ponto de aproximação do ritmo, por um lado, entre latim e português, e, por outro, entre PE e PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C. As diferenças rítmicas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. **D.E.L.T.A.**, vol. 14, nº 2, p. 377-403, 1998.

ABERCROMBIE, D. **Elements of General Phonetics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.

ALLEN, W. S. **Accent and Rhythm**. Prosodic Features of Latin and Greek: a study in theory and reconstruction. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

d'ANDRADE, Ernesto; RODRIGUES, M. C. Das escolas e das culturas: história de uma seqüência consonântica. IN LOPES, A. C. M.; MARTINS, C. (Org.) **Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística (Aveiro, 28-30 de setembro de 1998)**. Braga: Associação Portuguesa de Lingüística, 1999. Volume I, pp. 117-133.

ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. (Ed.) **Optimality Theory**. An Overview. Oxford: Blackwell, 1997.

BATTISTI, C. **La crisi del latino**. Lezioni universitarie sul latino volgare. Firenze: Universitaria Editrice, 1946.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. Campinas: UNICAMP, 1982. Tese de Livre-Docência.

CAGLIARI, L. C. Análise fonética do ritmo em poesia. Campinas: IEL - UNICAMP. **EPA**, N. 3, 1984, p. 67-96.



- CAGLIARI, L. C. O ritmo do português na interpretação de Jerônimo Soares Barbosa. **Anais do I Encontro Nacional de Fonética e Fonologia**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1985. p. 27-38.
- CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CAGLIARI, L. C.; ABAURRE, M. B. M. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Lingüísticos 10**. Campinas: UNICAMP/IEL, p. 39-57, 1985.
- CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)**. Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica**. 3ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.
- DAUER, R. M. Stress-timing and syllable-timing reanalyzed. **Journal of Phonetics 11**, p. 51-62, 1983.
- DEVOTO, G. **Storia della lingua di Roma**. Seconda ristampa. Bologna: Licinio Cappelli Editore, 1944.
- FARIA, E. **Fonética Histórica do Latim**. 2ª edição (2ª impressão). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- GRANDGENT, C. H. **From Latin to Italian**. An historical outline of the phonology and morphology of the Italian language. Cambridge: Harvard University Press, 1940
- HALLE, M.; VERGNAUD, J.-R. **An Essay on Stress**. Cambridge, Ma.: MIT Press, 1987.
- HAVET, L. **Cours élémentaire de métrique grecque et latine**. 8^e édition. Paris: Librairie Delagrave, 1935.
- HAYES, B. **Metrical Stress Theory**. Principles and Case Studies. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HUBER, J. **Gramática do Português Antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. (1ª edição alemã: 1933)
- KAGER, R. **Optimality Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (Ed.) **Phonetics and Phonology**. Volume 1: Rhythm and Meter. New York: Academic Press, 1989.
- LANGACKER, R. W. Syntactic Reanalysis. In LI, C. N. (Org.) **Mechanisms of Syntactic Change**. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57-139.



LEE, S.-H. Primary Stress in Portuguese Non-Verbs. Comunicação apresentada no LSRL 29 - The 29th Linguistic Symposium on Romance Languages. University of Michigan. 8 a 11 de Abril de 1999.

LIBERMAN, M. **The intonational system of English**. Doctoral Dissertation. Department of Linguistics, MIT, Cambridge, MA., 1975.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. S. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry**, Vol. 8, p. 249-336, 1977.

LINDSAY, W. M. **A Short Historical Latin Grammar**. Second edition, reprinted. Oxford: Clarendon Press, 1937. 1st edition: 1895.

MASSINI-CAGLIARI, G. Sobre o lugar do acento de palavra em uma teoria fonológica. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, (23): p. 121-136, jul./dez. 1992.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico**. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento**. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. De sons de poetas OU Estudando fonologia através da poesia. **Revista da ANPOLL**, nº 5, pp. 77-105, jul./dez., 1998. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP.

MAURER Jr., Th. H. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEILLET, A. **Esquisse d'une histoire de la langue latine**. Troisième édition révisée et augmentée. Paris: Librairie Hachette, 1933.

MORAES, J. A.; LEITE, Y. Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho. In ILARI, R. (Org.) **Gramática do Português Falado**. Volume II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 65-77.

NIEDERMANN, M. **Précis de Phonétique Historique du Latin**. Quatrième édition revue et augmentée. Paris: Klincksieck, 1953.

NUNES, J. J. **Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses**. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973. 1ª edição: 1926/1929.

PIKE, K. **Phonemics: a technique for reducing languages to writing**. 12th edition. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1971. (1ª edição: 1947)

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory**. Constraint Interaction in Generative Grammar. Technical Report #2 of the Rutgers Center for Cognitive Science. Rutgers University. 1993.

ROCA, I. (Ed.) **Derivations and Constraints in Phonology**. Oxford: Clarendon, 1997.

ROCA, I. Morphology and Rhythm in Word Stress. Conferência proferida no XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. 28, 29 e 30 de setembro de 1998.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA NETO, S. **Fontes do Latim Vulgar: o Appendix Probi**. Rio de Janeiro: Nacional, 1946.

SILVA NETO, S. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977. (1ª edição: 1957)

VERLUYTEN, S. P. M. **Recherches sur la prosodie et la métrique du Français**. Wilrijk, Universitaire Instelling Antwerpen, 1982. (Tese de Doutorado)

WILLIAMS, E. B. **Do Latim ao Português**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ZEC, D. Rule domains and phonological change. **Phonetics and Phonology**. Volume 4. New York: Academic Press, 1993. p. 365-405.

Recebido Para Publicação em 15 de fevereiro de 2014.

Aprovado Para Publicação em 23 de abril de 2014.